

S

Afostar

Afilar

Aquecer

Articular

Baixar

Cobrir

Conectar

Conservar

Curvar

Dobrar

Elevar

Entrar

Esvaziar

Fragmentar

Girar

Iluminar

Limitar

Nadar

Olhar

Orar

Percorrer

Preguear

Rematar

Sentar

Sobressair

Subir

Suster

Traçar

Viver

Voar

Z

A

10	O desenho, sempre o desenho	450	Siza na primeira pessoa
16	Um atlas de Siza através dos seus cadernos	458	Sobre a dificuldade de desenhar um móvel
24	Afastar		
38	Afilar	464	9 textos / 9 convidados
50	Aquecer		
64	Articular		
78	Baixar	478	Vistas da exposição
92	Cobrir		
102	Conectar	484	Fontes documentais
114	Conservar		
128	Curvar		
142	Dobrar		
154	Elevar		
168	Entrar		
184	Esvaziar		
198	Fragmentar		
214	Girar		
230	Iluminar		
242	Limitar		
256	Nadar		
272	Olhar		
286	Orar		
302	Percorrer		
318	Preguear		
330	Rematar		
342	Sentar		
354	Sobressair		
368	Subir		
384	Suster		
400	Traçar		
414	Viver		
432	Voar		

Álvaro Siza

Graça Correia Ragazzi

Florença, abril de 2024

Quando, em 1983, entrei nas Belas-Artes do Porto para estudar arquitetura, encheu-me de confiança o facto de saber já nomear Álvaro Siza, o que pareceu invulgar entre os meus colegas naquele panorama português, onde a arquitetura não tinha qualquer visibilidade, facto que hoje parecerá inverosímil a qualquer jovem na mesma situação. A verdade é que a publicação seminal *Profissão Poética* se editou apenas em 1986 em italiano e inglês — *nemo profeta in pátria*, como ciclicamente acontece.

Mas essa confiança rapidamente desapareceu para, em seu lugar, surgir apreensão, tal era o desafio. A qualidade daqueles desenhos e daquelas obras, a sua beleza e pujança, suscitavam em mim ambições, ditavam-me intenções, que me pareciam estar além das minhas capacidades. Não só desenhar era em si difícil, como a isso acrescia o facto de ser uma mulher a entrar num mundo de tradição masculina, onde (a mulher) tinha de fazer um esforço enorme, quase corajoso — há 30 anos como hoje —, para conquistar aquele viciado espaço.

O Siza impunha uma enorme *responsabilidade*.

Ainda antes de terminar os estudos, e porque sempre fascinada pela Prática e impulsionada pelos grandes professores que nos mostravam que é na obra que se inscreve o saber arquitetónico — Pedro Ramalho, Gigante(s) pai e filho, Francisco Barata, Carlos Prata e Eduardo Souto Moura —, já tinha percebido (sobretudo através deste último) que Siza nos mostrava *como fazer* arquitetura e não *o que fazer*; que nos revelava o caminho e não o destino.

Mais: que a arquitetura que é estimulada por outra, se tudo correr bem, encontra a sua identidade; que, renunciando à ideia de que se soltará milagrosamente uma voz própria, nos apropriamos de tudo quanto já foi construído e aprendemos, devagarinho, *a gastar aquela enorme fortuna*.

Sempre me fascinou a capacidade constante que Siza tem de nos surpreender sem perder por um só momento consistência ou nos fazer duvidar da pertinente singularidade de cada obra. Se fizer uma viagem por aquelas em que penso de imediato, das Piscinas de Marés, à Faculdade de Arquitetura do Porto, de Haia ao Museu Hombroich, ou da Escola de Setúbal à extensão de Serralves, encontro, de forma inequívoca, a estreita ligação que as une — aquilo que me interessa — e, apesar de aparentemente tão distintas, percebo,

simultaneamente, que cada uma delas não poderia ser de outro modo. Mas também e, sobretudo, que cada uma é irrepitível: que Siza é irrepitível.

E essa consciência deu-me, por fim, uma enorme liberdade. Uma liberdade que me permitiu (e a toda uma geração que assim o entenda) o encontro com a minha *identidade*.

Foram muitos os que me perguntaram nos últimos 40 anos (de 1983 a 2023): como é possível *crescer* sob essa gigante sombra que Siza projeta? A resposta sempre foi simples: descobrindo a enorme oportunidade que Siza nos abriu a todos. Não é uma sombra, é uma aura que rodeia a arquitetura portuguesa *graças* a Siza; sem ele, nunca teríamos tido as oportunidades de projetar, investigar, ensinar e partilhar conhecimento em arquitetura de modo tão universal. Sem essa aura, a arquitetura portuguesa teria hoje o mesmo protagonismo que tinha antes de esta profissão se ter tornado poética.

Seguramente, sem essa aura, não existiria uma diáspora arquitetónica vinda de todo o mundo fascinada com uma arquitetura dita regional, ainda que crítica, mas que é, sem dúvida, acima de tudo *universal*.

Sem essa diáspora, afinal, não existiria a *Correia/Ragazzi*, sequer. Siza proporcionou-me também essa *felicidade*.

PROGRAMA CULTURA

Miguel Magalhães, diretor
Maria de Assis,
diretora-adjunta

EXPOSIÇÃO

Curador
Carlos Quintáns

Curadora assistente
Zaida García-Requejo

Assistentes
Lorena Pabst Fernández
Noemí Cuba Alvarino

Coordenação geral
Joana Gomes Cardoso
Miguel Magalhães

Produção executiva
Joana Marçal Grilo
Sofia Baptista
Maria Cristina Barbosa
Francisca Salema
Anabela Antunes

Projeto gráfico
José Albergaria
Com a colaboração
de Júlia Garcia

Acompanhamento do projeto
museográfico e *design* de
exposição
Jorge Martins Lopes

Fotografia
Juan Rodríguez

Sinalização em vídeo
José Albergaria
Com a colaboração de
Álvaro Siza
Artur Miranda Machado
Inês Leal
Joana Gomes Cardoso

Coordenação editorial
Guilherme Pires | Oficina
Editorial Caixa Alta

Apoio à edição
e à comunicação
Ana Teresa Santos

Tradução
KenniTranslations

Conservação e restauro
Sónia Casquiço (BAA)
Patrícia Guimarães
Isabel Zarazua
Joana Oliveira
Mariska Castelijijn

Instalação museográfica
Inês Pereira (MCG)
Gonçalo Afonso (MCG)
Bruno Cecílio
Rute Delgado
Maria Torrada

Seguros, transportes
e logística
Paulo Gregório

Iluminação
Manuel Mileu

Audiovisuais
João Hora
Manuel Rodrigues

Construção
J. C. Sampaio
Reapte

Instalação gráfica
Hey Day
ProeasyDesign

Tratamento de imagem
Lupa — Luís Pavão, Lda.

Biblioteca de Arte e Arquivos
João Vieira, diretor

CAM — Centro de Arte
Moderna
Benjamin Weil, diretor
Ana Botella, diretora-adjunta

Serviços centrais
Ana Maduro, diretora
Maria João Botelho,
diretora-adjunta
Paulo Madruga,
diretor-adjunto

Marketing
Nuno Prego, diretor
Susana Prudêncio,
diretora-adjunta
Carolina Ladeira
Pedro Relvas

Museu Calouste Gulbenkian
António Filipe Pimentel,
diretor
Jessica Hallett,
diretora-adjunta

Comunicação
Elisabete Caramelo, diretora
Luís Proença, diretor-adjunto
Inês Rapazote

Serviço Jurídico
Rui Gonçalves, diretor
Madalena Potes

Agradecimentos
A Fundação Calouste
Gulbenkian agradece
aos colecionadores
e proprietários que
amavelmente cederam
as obras representadas
e a todos os que deram
a sua colaboração para esta
exposição, incluindo todos
aqueles que preferiram
guardar o anonimato.

Atelier-Museu Júlio Pomar
Canadian Centre for
Architecture
Casa da Arquitectura —
Centro Português de
Arquitectura
Centro Galego de Arte
Contemporânea
Drawing Matter Collections
Faculdade de Arquitectura
da Universidade do
Porto / Centro de
Documentação de
Urbanismo e Arquitectura
Fundação Cargaleiro
Fundação de Serralves /
Museu de Arte
Contemporânea, Porto
The Museum of Modern Art,
New York

Ana Amado
Anabela Monteiro
Adalberto Dias
António Choupina
Carlos Castanheira
Carlos Seoane
Chiara Porcu
Família de Luís Ferreira Alves
Juan Domingo Santos
Juan Miguel Hernández
León
Nuno Grande
Paulo de Pitta e Cunha
Rafaela Sousa

Mecenas



CATÁLOGO

Conceção editorial
Carlos Quintáns
Com a colaboração de
Zaida García-Requejo

Projeto gráfico
José Albergaria Com a
colaboração de Júlia Garcia

Coordenação editorial
Guilherme Pires | Oficina
Editorial Caixa Alta
Com a colaboração de
Ana Teresa Santos

Textos
Carlos Quintáns

Textos de Álvaro Siza
publicados com autorização
do Ateliê Álvaro Siza Vieira

Textos dos convidados
Carla Juaçaba
Diego Quirarte (Estudio
Macías Peredo)
Graça Correia Ragazzi
Inês Lobo
Juan Domingo Santos
Manuel Aires Mateus
Maruša Zorec
Nuno Grande
Solano Benítez

Tradução
Kennistranslations

Revisão
Guilherme Pires | Oficina
Editorial Caixa Alta
Com a colaboração de
Ana Teresa Santos

Fotografia
Juan Rodríguez

Tipos
A2 Beckett (A2-Type)
Basilar, Rizoma S
(R-Typography)

Tratamento de imagem
Lupa — Luís Pavão, Lda.

Impressão
Alva Gráfica